

MATE, Cecília Hanna. *Dimensões da Educação Paulista nos Anos '20*. Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação, defendida na PUC/SP. São Paulo, digitado, 1995.

O trabalho de Mate contribui para o debate sobre seu tema específico (Educação paulista nos anos 20) no contexto da História social e política do Brasil, com alcance multidisciplinar. Seu projeto geral de discutir a Educação como espaço de expressão dos conflitos sociais e da reorganização das relações entre os homens é instigante, requerendo apenas evitar novos dedutivismos: realçar conflitos significativos, opção política e teórica clara, concebendo a História como processo de lutas entre diferentes grupos e situando a Educação no seio dessas disputas. Caberia pensar sobre outras formas de sociabilidade para não reduzir apenas àquela dimensão, evocando acomodações e alianças entre grupos.

A Autora indica discussões sobre Conhecimento Histórico de que participou, como a Proposta Curricular para o Ensino de História em São Paulo (1986/1987), mas não as retoma ao longo do trabalho, o que é lastimável pois poderia enriquecer seus argumentos ao esclarecer algumas referências em seu próprio trajeto profissional. Ao mesmo tempo, ela pouco explora o Conhecimento Histórico e seu Ensino no Brasil dos anos '20, embora cite brevemente Serrano, deixando de falar sobre nomes então consagrados (Capistrano de Abreu, Afonso de Taunay) ou em ascensão (Paulo Prado, Oliveira Viana) no campo do Conhecimento Histórico.

Mate contrapõe uma atual escassez de debate historiográfico no universo educacional às discussões em História Social. Isso exigiria especial cuidado para não se idealizar o último espaço de pesquisa, que também possui limites. A questão da periodização homogênea do social, por exemplo, aparece na maior parte da Historiografia (caso de "República Velha", dentre outros) e a ênfase quase unânime no caráter estratégico dos anos '20 e '30 para o Brasil contemporâneo prova disso.

Sobre controle social e modernidade no século XIX, campo temático de interesse para o estudo, não foram utilizados artigos e livros de José Carlos Barreiro (*Revista Brasileira de História* 14 e 19) e Sidney Chalhoub (particularmente, *Visões da Liberdade*, Cia. das Letras), além de se falar em "camadas da população até então marginalizadas" sem as especificar.

A problemática desse escrito aponta Escola Nova e processos de racionalização como expropriações de sujeitos, seguindo os estudos de Maria Antonieta Antonacci, que orientou a pesquisa de Mate. Caberia, nessa perspectiva, trabalhar também com textos de Monteiro Lobato entre as fontes pesquisadas (o volume *Problema Vital*, p. ex.), pois aquele escritor discutiu higienização e produtivismo, dentre outros temas. Outro documento que lhe fez falta foi a *Carta-Manifesto* de 1924 (editada por Edgard Carone na

coletânea *A Primeira República*, Difel), a favor do voto secreto e contra o voto dos pobres-"ignorantes", dirigida ao presidente da república e assinada, dentre outros, por Lobato, item que reforçaria os argumentos de Mate a respeito do Inquérito sobre Educação, organizado por Fernando Azevedo.

Discutindo relações entre Educação e reformas sociais, o trabalho aponta o importante tema da ordem social nos discursos empresariais e governamentais, que transcendia o local de trabalho através de significativa questão: a submissão de amplos grupos humanos diferenciados a fontes de saber externas a seus poderes e a novas modalidades de expropriação, evidenciando articulações de novos saberes nesse processo. São questões que poderiam beneficiar-se do diálogo com Zélia Lopes da Silva (*A Domesticação dos Trabalhadores nos anos '30*, Marco Zero/CNPq).

A abordagem específica da Reforma Educacional na São Paulo dos anos '20 realça a ação política do jornal *O Estado de São Paulo*.

Mate evoca o tema da luta por escolas. Essa era uma das reivindicações do Zé Povo, personagem caricatural da Imprensa brasileira do período, que pretendia representar o cidadão republicano, como eu mesmo estudei no volume *Caricata República* (Marco zero/CNPq), podendo aquela criação artística ser explorada como face dos argumentos republicanos sobre Educação bem antes dos anos '20.

Um problema de peso que a Autora discute é a Reforma Sampaio Dória procurar atrair alunos para um tipo de escola, não qualquer escola (nem pensar nas experiências anarquistas, p. ex.), donde a criação de uma rede de inspeção. Cabe lembrar que mesmo neste final de século XX, durante greves de docentes, supervisores e delegados de ensino assumem funções de polícia e, quando não o fazem, chegam a sofrer ameaças e punições.

A questão do domicílio de analfabetos, também levantada por Mate, sugere vieses pouco explorados pela dissertação no que se refere a criminalização e

policimento sobre a população, incluindo quantificação de crianças sem escolas. Nessa passagem, caberia esmiuçar mais detidamente o trabalho de localização e mapeamento feito, certa geopolítica da alfabetização, comparável à ação do "despotismo esclarecido" (e seus sucedâneos) sobre a cidade, como aparece no Foucault de *Microfísica do Poder* (Graal). Os elementos apontados por Mate já permitem pensar sobre intervenção e controle abrangendo crianças e suas famílias.

Seria possível cotejar temas de Dória aos escritos do ensaísta Manoel Bomfim (há excertos na coletânea Brasil, Cia. Ed. Nacional), alguns dos quais muito anteriores aos anos '20 - radicalismo republicano, invenção de cidadania e exclusão nesse último processo. Quando Dória fala em "focos de analfabetismo", o problema é tratado como doença, vendo-se a sociedade enquanto organismo, o que remete a Bomfim, analista das elites como parasitas, e a higienistas do período. Valeria a pena, ainda, comparar a coação à alfabetização ao trabalho coato, discutido por Heloísa de Faria Cruz no livro *Trabalhadores em serviços* (Marco zero/CNPq).

Partindo do *Anuário de Ensino do Estado de São Paulo*, Mate definiu a escola como "sentinela da civilização", o que se constitui em síntese dos argumentos usados pelos renovadores educacionais. Outro tema ali presente é o das "lições-modelo", que têm continuidade na prática educacional brasileira até hoje, como se observa em materiais preparados por docentes universitários para Professores de História e outras disciplinas escolares - como se vê, a herança escolanovista é compartilhada por muitos conteudistas contemporâneos...

Mate se refere à modernização do ensino como reflexo de conflitos sociais, quando seria melhor argumentar que ela faz parte daquelas lutas, evitando uma visão mecanicista do problema.

Outro importante tema, esboçado mas pouco explorado pela Autora, diz respeito às pretensões nacio-

nais do projeto educativo e político paulista. Caberia lembrar que elites de São Paulo se apresentavam como laboratório da nação, o que se observa na Historiografia das Bandeiras e no Museu Paulista, especialmente a partir da direção de Taunay, desde 1917.

A argumentação racionalizadora dos escolanovistas foi bem caracterizada ao redor das preocupações com administração de recursos, evidenciando suas identidades com a lógica empresarial.

A experiência de Lourenço Filho no Ceará é muito significativa para se pensar sobre o alcance nacional do projeto educacional que ele representa e contra os argumentos historiográficos restritos a “oligarquias” e “atrasos regionais”.

Mate evoca modelos físicos e biológicos para o social presentes nos argumentos desses agentes, citando tradições positivistas que os inspiraram. Caberia lembrar que, nessa tradição, a Sociologia foi concebida como “Física Social”, ao menos, desde Comte.

Sua descrição das ações de Lourenço Filho no “governo provisório” reforça as perspectivas continuístas entre o antes e o pós-1930. O acompanhamento dessas experiências evidencia a consolidação da divisão entre planejar e executar, incluín-

do trecho do Anuário de 1933/1936 em que a relação é estabelecida nos termos: “o professorado paulista estava à altura das reformas que se iniciava”. Isto sugere que a reforma foi colocada no centro do processo, sendo os professores avaliados a partir dela.

A Autora indica, ainda, longa vigência de Lourenço Filho no campo educacional brasileiro, ao menos até os anos '70. Faltou refletir mais sobre os significados dessa longa sobrevivência, que extrapolam de muito as conjunturas políticas dos anos '20 e '30, privilegiadas no volume.

Mate ainda faz indicações de interesse sobre os vieses tecnicistas da inovação - apelo a revistas, biblioteca, museu pedagógico, cinema, rádio, serviços técnicos e APMs, p. ex. -, permitindo pensar sobre a continuidade desses valores até o final do século XX, enquanto se agrava a exploração dos docentes como assalariados.

O volume se constitui, portanto, em interessante referencial para o debate sobre tecnicismo, objetivismo e cientificismo no estudo da Escola Nova, possibilitando destacar conflitos entre utopias de controle e tensões do real no processo educativo e no conjunto da vida social brasileira.

Marcos A. da Silva
Depto. de História - FFLCH/USP
Bolsista de Pesquisa do CNPq